

De uma área de 155.000 km<sup>2</sup>  
do Sudeste Asiático,  
os Estados Unidos e a Europa  
recebem um rio de heroína  
que não pára de aumentar.  
Deter este fluxo criminoso  
é um gigantesco desafio

# Heroína: Uma Nova e Crescente Ameaça

CHARLES BONNAY

**A** TRÊS QUARTEIRÕES da base aérea de Tansonnhut, em Saigon, um soldado americano entra numa viela conhecida por «Beco da Mamãe» e diz a um garoto vietnamita que quer um pouco de *scag*. O menino corre para um barraco próximo e volta trazendo um frasquinho de plástico, que entrega ao soldado contra o pagamento de três dólares. O frasco contém um quarto de grama de heroína, 96 % pura.

No bairro de Soho, em Londres,

---

O fotógrafo e jornalista Charles Bonnay passou sete anos no Sudeste Asiático, primeiro como soldado francês e, mais tarde, trabalhando para a revista *Life*. No ano passado, esteve vários meses na Tailândia, Laos, Birmânia e Vietname investigando o problema da droga.

traficantes-viciados vendem saquinhos de plástico contendo heroína misturada com quantidades perigosamente variáveis de glicose e quinino.

Em Honolulu, um vigilante inspetor aduaneiro suspeita de uma encomenda vinda de Bancoc, na Tailândia, para alguém em Chicago. A encomenda contém uma pele de leopardo, com quase um quilo de heroína pura escondida na cabeça. Outros quatro quilos de heroína são descobertos em outra encomenda de peles, já liberada pela alfândega.

Estes incidentes, tão afastados uns dos outros, são sintomas de um fato novo no comércio internacional da droga: o Sudeste Asiático como exportador de heroína, que já inundou o Vietname do Sul e agora

começa a aparecer em outros lugares, em quantidades substanciais.

Durante anos, a maior parte da produção legal de ópio da Turquia era desviada para laboratórios clandestinos no Sul de França, convertida em heroína e daí contrabandeada para os Estados Unidos. A Turquia já se comprometeu a proibir completamente a cultura de ópio a partir de 1973. Mas, mesmo que a suspensão seja total, John W. Parker, chefe do Serviço de Informações Estratégicas do Departamento de Narcóticos e Drogas Perigosas, dos Estados Unidos, adverte que praticamente não terá importância se não for também detido o fluxo do Sudeste Asiático.

**No Lamacento Mecong.** O grande centro produtor de ópio é o chamado «Triângulo Dourado» — 155.000 quilômetros quadrados de montanhas cobertas de selva que se estendem pelas fronteiras do Nordeste da Birmânia, do Norte da Tailândia e do Noroeste do Laos. Praticamente sem controle de qualquer dos governos destes três países, é uma região selvagem habitada por rudes tribos montanhesas, soldados irregulares, grupos guerrilheiros, senhores da guerra locais e contrabandistas em grande escala. A região produz pelo menos 700 toneladas de ópio cru anuais, e hoje fornece cerca de 50 % da heroína mundial — cifra que se espera venha a subir para 70 % dentro de poucos anos. A maior parte do ópio é produzida pelas tribos montanhesas do Estado de Shan, na

Birmânia. Há muito tempo que se dedicam a uma cultura altamente rendosa: a papoula, plantada no fim do verão e colhida no inverno, da qual é extraído o ópio bruto. A picante goma do ópio tem sido durante gerações sua moeda corrente. Meio quilo paga um porco, quilo e meio compra um cavalo; pode ainda ser trocada por sal, pano e utensílios vários.

Em companhia de um funcionário do Departamento de Narcóticos, visitei essa região de três fronteiras em meados do ano passado. Sobrevoamos o vale do lamacento Rio Mecong, em direção à nascente. À nossa direita via-se o Laos, que é o centro do tráfico de heroína para o sul, destinada aos soldados americanos no Vietname. À esquerda via-se a Tailândia, que proibiu a produção de ópio em 1958, mas onde as tribos montanhesas dissidentes produzem cerca de 200 toneladas anuais. Depois da Tailândia veio a Birmânia, que produz 350 toneladas de ópio clandestino por ano. Do avião podia observar o Estado de Shan, quase inteiramente controlado por grupos insurgentes, onde 60.000 lavradores cultivam ópio.

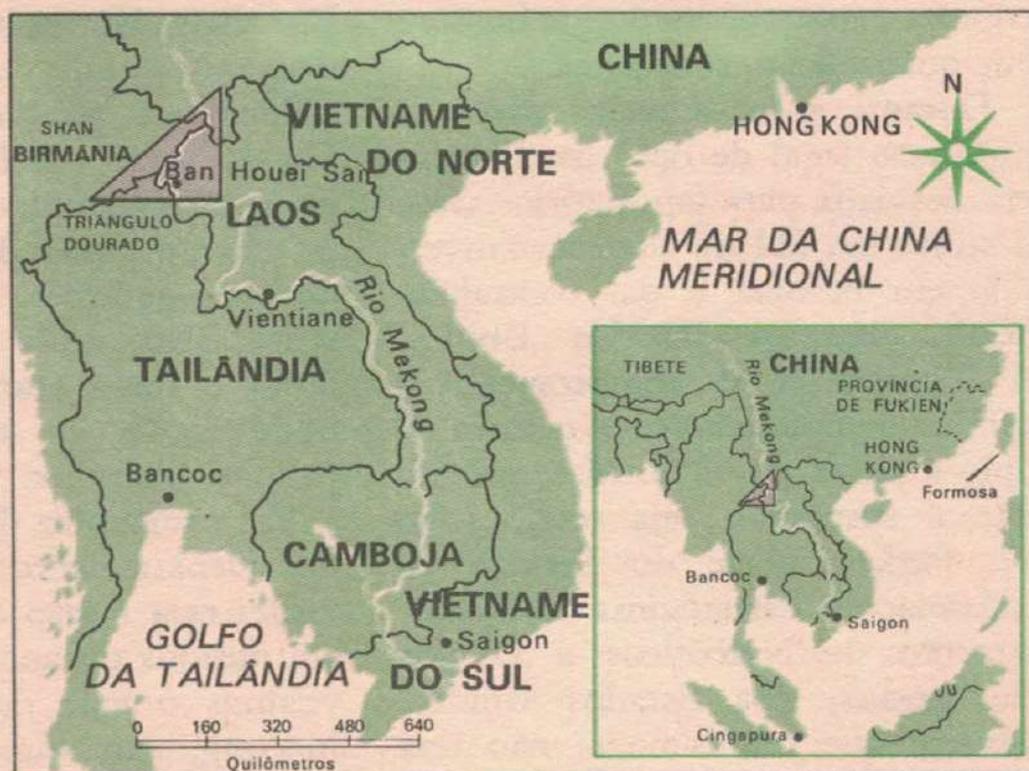
**A «Máfia» Chinesa.** Quem são os verdadeiros senhores desse comércio gigantesco? Periodicamente, são acusados de culpa a China e o Vietname do Norte. Mas a culpa realmente cabe a dois grupos. Um são os 6.000 homens que restam do Exército Nacionalista Chinês, expulso da China em 1949. Estes homens estabeleceram-se no Norte

da Birmânia e na Tailândia como piratas, vivendo principalmente do comércio de ópio em grande escala. Bem equipados e bem armados, operam como intermediários e transportadores, comprando ópio às tribos das montanhas, revendendo-o,

escortando os grandes carregamentos e cobrando impostos sobre todo o ópio que atravessa os seus territórios.

O segundo grupo, muito mais importante, é a extraordinária «Máfia» chinesa que atualmente domina o setor da produção: a transformação do ópio em heroína, a sua embalagem e distribuição. Este sindicato é constituído principalmente por elementos oriundos da província de Fukien, em frente a Formosa. Com o correr do tempo, foram abandonando a sua província, pobre e inóspita, estabelecendo-se em grupos familiares em países vizinhos, onde adquiriram rapidamente a reputação de comerciantes duros e espertos, formando hoje uma rede de tráfico.

O multissecular comércio de ópio limitava-se principalmente a abastecer os viciados asiáticos. Mas, à



medida que o vício da heroína aumentava nos Estados Unidos, na década de 1960 os traficantes começaram a ter inveja dos enormes lucros arrecadados pelas quadrilhas ocidentais. Quando a ampliação da intervenção americana levou centenas de milhares de soldados para o Vietname, a «Máfia» chinesa percebeu que tinha à porta um mercado já pronto.

Devido ao seu volume, cheiro característico e complicado ritual de fumar, o ópio nunca fora largamente usado por ocidentais. Assim, a partir de 1965, os chineses começaram a procurar formas de torná-lo mais fácil de manipular. Introduziram no mercado o *kbai*, uma mistura de resíduos de ópio fumado, base de morfina e ácido salicílico, talvez a droga mais perigosa que existe. Viciando rapidamente e relativamente barata, mata *entre 12 e*

18 meses os que a utilizam com regularidade.

Vi os seus terríveis estragos em Vientiane, capital administrativa do Laos, onde barracos para fumadores de *kbai* ocupam uma rua inteira. Dentro dos quartos escuros e sujos, a cena fazia lembrar os campos de extermínio nazistas: homens que pouco mais eram que esqueletos, a maioria asiáticos, mas também alguns europeus, ficavam sentados olhando vagamente o espaço. De meia em meia hora, levantavam-se para comprar mais uma dose da droga em pó, aquecê-la em latinhas à chama de uma vela e em seguida inalar o fumo através de canudos de papel.

**Produção Industrial.** O efeito letal do *kbai* fazia-o difícil de vender a ocidentais. Em busca de lucros máximos, a solução óbvia era entrar na produção independente de heroína, eliminando os intermediários europeus. Entretanto, embora seja relativamente fácil transformar, por fervura, o ópio em base de morfina, o refino da morfina para transformá-la em heroína exige muito mais técnica: é um demorado processo químico, que exige competentes especialistas.

Nos últimos meses de 1967, os chineses começaram importando alguns químicos cuidadosamente selecionados, e muito bem pagos, de Hong Kong, Macau, Formosa e Cingapura, a fim de instalarem laboratórios clandestinos no Triângulo Dourado. Esses técnicos passaram de seis a oito semanas no local,

tempo suficiente para transformar a colheita do inverno anterior em heroína, sob o olhar intensamente curioso dos seus empregadores. Alguns desses chineses mandaram seus filhos para universidades onde estudaram química. Ao fim de poucos anos, a «Máfia» chinesa sabia o bastante sobre refinação de heroína para poder entrar na produção por conta própria.

O resultado: calcula-se existirem atualmente de 15 a 20 refinarias ocultas pela folhagem densa da selva na região das três fronteiras. Quando, por acaso, um laboratório é localizado por investigadores, seus proprietários podem levantar o acampamento e instalar-se em local mais seguro. Mas a grande maioria deixa-se ficar, protegida por guardas particulares, pela distância e pelo dinheiro que corre no suborno de autoridades locais.

O Major McBee, agente do Departamento de Narcóticos baseado em Vientiane, levou-me ao local abandonado de uma dessas refinarias no Laos, a cerca de três quilômetros da cidade de Ban Houei Sai, no Rio Mecong. O proprietário chinês tinha-se transferido recentemente para a vizinha Tailândia. Acompanhado pelo chefe de Polícia local, vencemos com dificuldade uma estreita trilha na selva. Havia alguns meses, este mesmo chefe de Polícia tinha sido detido por um destacamento do Exército laociano, que, sem rodeios, ordenou que ele parasse de espionar. Numa curva da trilha, chegamos a um fortim que costu-

mava ser guarnecido por sentinelas chinesas que guardavam os acessos. Pouco adiante, chegamos às ruínas calcinadas de uma aldeia. Tudo o que restava do laboratório eram dois pisos de cimento com 450 metros quadrados, alguns canos de metal retorcidos, um poço e encanamentos de água. Pelas dimensões das instalações, aí existira uma verdadeira fábrica de heroína, capaz de produzir várias toneladas por ano.

No começo, estas refinarias produziam principalmente a heroína violácea, de qualidade inferior, para fumar (N.º 3), consumida pelos viciados asiáticos. Com grande tino comercial, os vendedores começaram a apresentar a droga em embalagens de cores vivas, cada um com a sua marca nos rótulos: «Dois Dragões», «Aranha de Ouro», «Cavalo & Veado» — e até «Lucky Strike»! Mas, à medida que aumentava a procura entre os soldados americanos no Vietname do Sul, aumentava também o mercado da heroína branca de alta qualidade. Para atender à freguesia, os refinadores começaram a produzir heroína N.º 4, da mais alta qualidade—96 % pura. Nos últimos dois anos, o Vietname do Sul foi saturado com a droga — apresentada em embalagens requintadas: frasquinhos de plástico, alguns transparentes, outros coloridos. Os frascos têm estampado no topo um rótulo sombriamente humorístico — «Saudável n.º 4» — o que vem provar que os traficantes de heroína têm agora até as

suas próprias fábricas de plástico.

**O Transporte.** Os chineses espalham o pó mortífero pelo Sudeste Asiático e no ultramar por meio de três redes principais. A primeira vai a Bancoc, Cingapura e Hong Kong, e daí para Formosa ou diretamente para os Estados Unidos. Uma segunda vai por terra para Saigon, e, mais tarde, serão feitos lançamentos no mar, no Golfo da Tailândia. Uma vez recolhida, a heroína prossegue para a costa leste dos Estados Unidos (via Oriente Médio e França) ou para a costa oeste (por Hong Kong e Cingapura). A terceira segue diretamente para Formosa, e daí para o Vietname e os Estados Unidos.

A maior parte da heroína é transportada por via aérea — em aviões militares das forças armadas locais, em aeronaves de pequenas empresas charter ou aviões particulares que pousam em pistas clandestinas. Para lançamentos no mar, pacotes de 30 quilos de heroína são envoltos em cinco camadas de plástico, encerrados hermeticamente em tambores de metal e atirados de pára-quedas. Assinalados por bóias, são facilmente localizados e recolhidos por barcos.

À medida que a heroína se desloca em direção ao sul, do Triângulo Dourado para as cidades costeiras, as redes chinesas ligam-se com um novo grupo de traficantes: europeus e americanos sem eira nem beira, veteranos e desertores do Exército americano. Estes operadores ocidentais encaminham quantidades

crescentes de heroína para o exterior.

Um dos principais pontos de entrada de heroína no Vietname do Sul é o aeroporto de Tansonnhut. Em março de 1971, um influente Deputado à Assembleia Nacional sul-vietnamita foi apanhado com cerca de 4,5 quilos de heroína; uma semana antes, uma aeromoça da Air Vietnam vinha do Laos trazendo nove quilos na bagagem. Embora a heroína que entra no país seja ilegal, é vendida abertamente. Mesmo fora das cidades, os narcóticos podem ser adquiridos em barracos à beira das estradas.

Uma das razões para o explosivo aumento no número de viciados é a alta qualidade da heroína. Por exemplo, nos Estados Unidos a droga que é vendida aos viciados raramente contém mais de 6 % de heroína; tem de ser injetada para produzir algum efeito. A heroína 96 % pura proveniente do Triângulo Dourado pode ser simplesmente fumada ou inalada, e os que a utilizam na ilusão de que não cria hábito só caem na realidade quando já estão irremediavelmente viciados.

Por que ainda não foi esmagado esse tráfico monstruoso? A resposta é complicada — uma mistura das atitudes orientais historicamente permissivas em relação às drogas, necessidades econômicas da região, arraigada corrupção que perpassa muitas sociedades asiáticas e as realidades políticas e econômicas da Península da Indochina, dilacerada pela guerra.

Embora seja diferente o quadro

de uma região para outra, o Laos oferece uma boa amostragem dos problemas envolvidos. Numa tarde de julho, eu estava no cais do rio que banha Ban Houei Sai, em companhia do Coronel Southone Sundara, então chefe da Brigada Laociana de Narcóticos. Através do Rio Mecong, na escuridão que se adensava, podíamos ver a barca que se dirigia para o nosso lado, vinda da margem tailandesa do rio. A Alfândega tailandesa fecha às 18 horas, mas a barca funciona até às 19 — e nessa última hora atravessam a fronteira mais veículos que durante todo o resto do dia. Logo que a barca atracou, os caminhões entraram em território laociano, e o ar ficou carregado com o cheiro característico do ópio. Mas como nessa altura não havia no Laos legislação contra as drogas, o Coronel Sundara só podia ficar olhando, impotente, os motoristas chineses sorrirem ironicamente.

Em setembro do ano passado, em consequência da pressão americana, o Laos promulgou finalmente legislação sobre narcóticos que, em teoria, permite à Polícia interromper o tráfico de ópio. Até que ponto funcionará, é outro problema. «Não é justo impor penalidades aos cultivadores de ópio», queixou-se um inspetor do Ministério do Interior. «É só o que essa gente pode plantar nas montanhas. Os Estados Unidos deveriam consentir que o Governo do Laos criasse um monopólio do ópio, exatamente como os franceses tinham entre 1899 e 1954, e

nos comprar toda a produção.»

Funcionários americanos não concordaram com o argumento de que «é tudo o que eles podem plantar». Na realidade, os americanos estão dispostos a ajudar os plantadores de ópio a começar outros tipos de agricultura, e comprariam a totalidade das colheitas durante o período de transição, como fizeram na Turquia. Mas, a menos que se descubra a forma de se evitar a burocracia laociana, a maior parte do dinheiro acabaria nos bolsos de funcionários sem escrúpulos. McBee diz: «Estamos dispostos a pagar. Mas quanto? A quem?»

Recentemente, no Norte da Tailândia e do Laos, agentes do

Departamento de Narcóticos começaram a trabalhar com unidades especiais das autoridades locais, para interditar o tráfico do ópio e da heroína proveniente do Triângulo Dourado. A menos que este programa tenha êxito, o pequeno mas regular fluxo de heroína asiática que atualmente corre para os Estados Unidos e Europa aumentará nos próximos anos, formando um rio de miséria que afogará centenas de milhares de pessoas.

Deter esse fluxo será, segundo um relatório recentemente publicado, «um dos mais gigantescos desafios que a política externa americana terá de enfrentar na próxima década».



UMA LOJA da nossa cidade estava sendo reformada. Na vitrina alguém colocou o seguinte cartaz:

*Atenção* — Antes de encherem o nosso gerente de perguntas, por favor, consultem a lista abaixo e vejam se algumas destas respostas servem:

1. Uma sorveteria.
2. 5 de outubro, mais ou menos.
3. Sim, tem-me dado muito trabalho.
4. Bem, tudo, menos a eletricidade.
5. Ainda não sei.
6. Sete dias por semana.
7. Talvez.

— L. B.



UMA BOLA rompeu a vidraça da cozinha da Sr.<sup>a</sup> Müller. Pouco depois, um garotinho tocava a campainha e dizia: «Papai não demora em vir consertar a sua janela.» Daí a pouco, chega um homem, e a Sr.<sup>a</sup> Müller devolve a bola ao garoto.

Depois de substituir o vidro quebrado, o homem apresenta a conta: «São 10 marcos.»

«O quê?» exclama a Sr.<sup>a</sup> Müller. «Não foi o seu filho?»

«Não me diga que não é a mãe dele!?»

— R. D.